



TEMAS E TRAMAS: PERCURSO LÍRICO (A POESÍA BRASILEIRA CONTEMPORANEA DE AUTORIA FEMININA)

Roselene de Fátima Constantino¹

RESUMEN:

TEMAS Y TRAMAS: CAMINO LÍRICO (LA POESÍA BRASILEÑA CONTEMPORANEA DE AUTORIA FEMININA)

Tomando como punto de partida la obra *Os cem melhores poemas brasileiros do século* y el sitio en Internet: <http://utopia.com.br/poesia/autoras.html>, consultado en julio del 2004, el presente trabajo tiene como objetivo constituir un panel de la actual poesía brasileira de autoria femenina, destacando la metapoésia y la tessitura poética, a partir del análisis de los poemas de autoras contemporáneas, entre ellas: Ada Ciocci (1916), Adélia Prado (1935), Alice Ruiz (1946), Angela Melim (1952), Astrid Cabral (1936), Bruna Lombardi (1957), Elisa Lucinda (1958), Fátima Carvalho (1962), Flora Figueiredo (1951), Hilda Hilst (1930), Leila Miccolis (1947), Lúcia Villares (1954), Maria Ester Maciel Borges (1963), Maria Rita Kehl (1951), Marina Colasanti (1938), Mariza Fontes de Almeida (1941), Marly de Oliveira (1935) y Olga Savary (1933).

Palabras claves: Poetisas brasileñas, metapoésia, autoras contemporáneas, poesía lírica, dramaticidad femenina.

ABSTRACT:

THEMES AND PLOTS: LYRICAL PATH
—BRAZILIAN FEMININE CONTEMPORARY POETRY

Using as a starting point the book *Os melhores poemas brasileiros do século* and the Internet website <http://utopia.com.br/poesia/autoras.html>, visited in July 2004, the objective of this work is to create a panel for the present Brazilian poetry written by female authors. Emphasizing meta-poetry and poetic frame of mind, from the analysis of poems by contemporary authors such as Ada Ciocci (1916), Adélia Prado (1935), Alice Ruiz (1946), Angela Melim (1952), Astrid Cabral (1936), Bruna Lombardi (1957), Elisa Lucinda (1958), Fátima Carvalho (1962), Flora Figueiredo (1951), Hilda Hilst (1930), Leila Miccolis (1947), Lúcia Villares (1954), Maria Ester Maciel Borges (1963), Maria Rita Kehl (1951), Marina Colasanti (1938), Mariza Fontes de Almeida (1941), Marly de Oliveira (1935) and Olga Savary (1933).

Key words: Brazilian female poets, meta-poetry, contemporary authors, lyrical poetry, feminine dramatics.

ABSTRACT:

Tomando como ponto de partida a obra *Os cem melhores poemas brasileiros do século* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2001) e o sitio Internet: <http://utopia.com.br/poesia/autoras.html>, consultados em julho de 2004, o presente trabalho objetiva constituir um painel da atual poesia brasileira de autoria femenina, com destaque à metapoésia e à tessitura poética, a partir da análise dos poemas de autoras contemporáneas, entre elas: Ada Ciocci (1916), Adélia Prado (1935), Alice Ruiz (1946), Angela Melim (1952), Astrid Cabral (1936), Bruna Lombardi (1957), Elisa Lucinda (1958), Fátima Carvalho (1962), Flora Figueiredo (1951), Hilda Hilst (1930), Leila Miccolis (1947), Lúcia Villares (1954), Maria Ester Maciel Borges (1963), Maria Rita Kehl (1951), Marina Colasanti (1938), Mariza Fontes de Almeida (1941), Marly de Oliveira (1935) e Olga Savary (1933).

Palavras-chaves: Poetisas brasileiras, metapoésia, autoras contemporáneas, poesia lírica, dramaticidade femenina.

É com imenso prazer que estou participando deste 7º Congresso Internacional de Humanidades. No meu artigo *Temas e Tramas: percurso lírico (A poesia brasileira contemporânea de autoria femenina)*, irei me deter mais no aspecto *temas*. Apresentarei doze

¹ Constantino, Roselene de Fátima, Secretaria de Educación del Distrito Federal de Brasília, Brasil.

poesias de doze poetisas brasileiras de vários estados brasileiros. Vocês têm distribuídos os textos dos poemas selecionados para este trabalho.

Quantas somos? Doze. Quantas somos? Infinitas. Somos *mulheres desdobráveis*. Cotidiano, tempo e realidade. Aparentemente palavras seqüenciais que nada têm em comum. Mas o traço em comum é a poesia que perpassa e transpassa e transcende o dia que nasce e o dia que finda. Qual é o nosso lugar? Em que espaço estamos inseridas? Quando poderemos nos dizer unas, completas, realizadas no ser mulher que somos? No traço que proponho neste artigo, a *mulher é desdobrável* porque é viva, tem sensibilidade, faz o cotidiano como ninguém e é alguém, é um Eu em ação. Os textos das poetisas marcam, expõem a cada momento não só suas fragilidade e força, mas a fragilidade e força de cada mulher no tempo. Textos femininos, fortes como os nomes que aprendemos a conhecer. No conjunto feminino da poesia lírica aqui trabalhada, temos Adélia Cora Ana Olga Alice Bruna Ada Maria Ângela Marina Hilda Leila do Brasil Brasileiro, faceiro, intrigante, apaixonante, embriagante por sua própria natureza.

No primeiro grupo de poesias, temos o cotidiano como premissa. São versos realistas, que colocam o cotidiano em evidência. Adélia Prado, em “Com licença poética” inaugura linhagens:

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou tão feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
–dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade da alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.

O poema nos lembra nossa própria condição de mulheres: a de lutar por espaços na sociedade em que vivemos, pois “*ser coxo na vida é maldição pra homem. ‘Mulher é desdobrável’. Eu sou*”. Nos somos. Dentro de nós, mulheres, carregamos as doze mulheres apresentadas aqui. Doze apóstolas. Cada uma com sua missão: darem-se a conhecer ao mundo inteiro fundando reinos, criando linguagens, procurando o amanhecer e o entardecer. Sem medo, cumprem a missão e, já fadadas à morte, são apredejadas, escolhem morrer na cruz de cabeça para baixo, são decapitadas... Mas seus nomes, eternizados nos versos da vida, serão repetidos nas ladainhas: “Ave Marias, cheias de graça...” Cheias de beleza e esplendor. Todos serão com vocês, mesmo no lá que não conhecemos.

Em “Todas as vidas”, de Cora Coralina, a dramaticidade feminina vem à tona. As doze mulheres que começam esta apresentação se desdobram em mais seis, mas em cada uma, que é mais uma, são uma só:

Vive dentro de mim
uma cabocla velha
de mau-olhado,
acocorada ao pé do borralho,
olhando pra o fogo.
Benze quebranto.
Bota feitiço...
Ogum. Orixá.
Macumba, terreiro.
Ogã, pai-de-santo...

Quantas e quantas vezes mulher é tida como bruxa, feiticeira, mal para aqueles que nos amam e amaram. Na Idade Média fomos queimadas vivas; hoje, a nossa fogueira é o cotidiano; nossos inquisidores, aqueles que nos querem, mas do jeito que sonham. Muitas das vezes, o sonho é enjôo que nem reza brava faz passar.

Vive dentro de mim
a lavadeira do Rio Vermelho,
Seu cheiro gostoso
d'água e sabão.
Rodilha de pano.
Trouxa de roupa,
pedra de anil.
Sua coroa verde de são-caetano.

No Brasil, principalmente nas cidades do interior, aonde a civilização com sua modernidade não chegou, as mulheres mais simples lavam suas roupas na beira dos rios. Ali, deixam suas queixas, suas dores, seus cansaços. Ao limparem a sujeira da roupa, limpam também o suor da vida cotidiana, deixando-o escorrer para os rios que desembocam no mar de uma forma ou de outra...

Vive dentro de mim
a mulher cozinheira.
Pimenta e cebola.
Quitute bem feito.
Panela de barro.
Taipa de lenha.
Cozinha antiga
toda pretinha.
Bem cacheada de picumã.
Pedra pontuda.
Cumbuco de coco.
Pisando alho-sal.

Essa mulher cozinheira torna o prazer escondido, maldito, sufocado, em prazer lido, visto, cheirado, degustado sem pudores ou maldições históricas. Faz que o grito guardado se expanda em cada comida saboreada.

Vive dentro de mim
a mulher do povo.
Bem proletária.
Bem linguaruda,
desabusada, sem preconceitos,
de casca-grossa,
de chinelinha,
e filharada.

A *mulher* do povo e para o povo, que agita e cogita revoluções; que transforma homens bravos e fortes, em crianças meigas e dengosas.

Em um país tão cheio de terras vazias, com poucos donos, com a ausência da cultura moderna, o dia que passa lentamente e muitas vezes se torna extenuante. Por fim, a *mulher* da vida e para a vida.

Vive dentro de mim
a mulher da vida.
Minha irmãzinha...
tão desprezada,
tão murmurada...
Fingindo alegre seu triste fado.
Todas as vidas dentro de mim:
Na minha vida –
a vida mera das obscuras.

Essa não perde seu reinado; ao contrário: ganha mais reinos, pois são justamente essas que transformam a história de um país, mesmo que no anonimato.

Em “Samba-canção”, de Ana Cristina César, volta a temática da multiplicidade de eus.

Tantos poemas que perdi.
Tantos que ouvi, de graça,
pelo telefone – taí,,
eu fiz tudo pra você gostar,
fui mulher vulgar,
meia-bruxa, meia-fera,
risinho modernista
arranhando na garganta,
malandra, bicha,
bem viada, vândala,
talvez maquiavélica,
e um dia emburrei-me,
vali-me de medidas
(era comércio, avara,
embora um pouco burra,
porque inteligente me punha
logo rubra, ou ao contrário, cara
pálida que desconhece
o próprio cor-de-rosa,
e tantas fiz, talvez
querendo a glória, a outra
cena à luz de spots,
talvez apenas teu carinho,
mas tantas, tantas fiz...

Qual o preço que estamos pagando? Quantas precisaremos ser para chegarmos a nossa plenitude? *Mulher é desdobrável*. Mas, para quem? Para quantos? Por quanto tempo? “e tantas fiz, talvez querendo a glória, a outra cena à luz de spots, talvez apenas teu carinho, mas tantas, tantas fiz...” *Desdobrável*, sempre. No nosso cotidiano, além do *ser desdobrável*, somos as que tecem suas teias de dor, alegria, gozo, solidão, silêncio, alegria, desejos tão fundos e calados.

“Em amor”, de Olga Savary, a autora nos lembra da guerra travada em nossos desejos. A mentira se torna consequência da opção que faço: eu o quero. De qualquer jeito, mesmo que o que quero não tenha nome, apenas forma. De um lado Eu; do outro, quem?

O que será:
este labirinto de perguntas
e resposta alguma,
este insistente rugir
de pássaros, este abrir
as jaulas, soltar o bicho
novelo que há em nós,
delicado/feroz morder
(deixa sangrar)
o outro bicho (deixa, deixa)
e toda esta parafernália
a parecer truque enquanto
obsidiante você mente
embora acreditando nas mentiras
e eu use os piores estratagemas
para cobrir-me a retirada
desse vicioso campo de batalha.

Quando o amor “*vai pra vida*” (aqui me eximo do feminino e do masculino enquanto físico: fico com a essência, com o sentimento.) tem a mesma conotação que retrata Alice Ruiz, em seu “*Drumundana*”:

e agora Maria?
o amor acabou
a filha casou
o filho mudou
teu homem foi pra vida
que tudo cria
a fantasia
que você sonhou
apagou
à luz do dia
e agora Maria?
vai com as outras
vai viver
com a hipocondria

Quem de fato deve responder as perguntas da dor da poetisa? **Ninguém e alguém.**

“Que me venha com força, com gosto de desbravar,
que me faça de mata pra percorrer devagar,
que me faça de rio pra se deixar naufragar”.

Assim é o texto de Bruna Lombardi. Que nos venha esse homem: *ninguém e alguém*. Noite e dia. Fogo. Chuva. Noite. Dia. Cotidiano. Mas, o amor, indo ou vindo, é meu. Eu o quero.

Vai amado.
Busca por onde quiseres,
com quem quiseres,
como quiseres, o prazer.
[...]
se desejares, volta.
Serei a que conforta.
Não saberás da dor,
da saudade,
das lágrimas sentidas que tua ausência causou.

Não importa: Eu o quero, amado sentimento. Maldito sentimento. Queremos até a alma transbordar, igual à sede do dia seco e quente. Depois de bebida e saciada, um silêncio e uma saciedade profundos em nossos corpos, em nossas vidas. O cotidiano se torna lânguido, complacente, preguiçoso, diário. Mas as doze mulheres continuam sua extenuante caminhada, pois são desdobráveis em seus sentimentos, em suas dores, em seus desejos.

Na história do Brasil, as mulheres eram boas porque rezavam, cozinhavam e, principalmente, adquiriam (e ainda é assim hoje) a grande arte de se saberem em silêncio. O silêncio que não pode ser desdobrável. O silêncio para verem suas vidas decididas por aqueles que se julgavam capazes para isso. Então o tempo passou. O tempo chegou. E a missão ficou cumprida e *c(o) mprida*. Maria Rita Kehl, assim retrata em “Missão C(o)mprida”:

Você conseguiu tudo na vida:
 uma barriga bem alimentada,
 uma amante infiel
 uma esposa comportada
 carro do ano
 filhos rebeldes ao seu julgo tirano
 casa própria, emprego com crachá
 um sítio em Visconde de Mauá
 um ufanista amor pelo país
 tudo como manda o figurino
 (de Paris).
 E morrerá, cumprindo a sua parte,
 de tensão ou de enfarte,
 de repente,
 sem nem ao menos de longe perceber
 que podia ter sido diferente.

Alimento, amante, esposa, carro, filhos, casa própria, emprego, um sítio, um amor ufanista pelo país, a morte e a saudade, pois das doze coisas conseguidas, sobrou o tempo que “*de repente, sem nem ao menos de longe perceber que podia ter sido diferente*”. *Mulher é desdobrável*. Mas, até quando?

O tempo alarga e encurta os sentimentos e tudo, no tempo, é tão sem sentido, principalmente, se o tempo constrói só o material, o que se pode ter com o preço apropriado. O tempo deve ser amigo, então “*Amanhã este fogo cresce. Um amor impossível pode ser amanhã*”.

Novamente, doze amanhã. Assim, Ângela Melim espera em seu texto o amanhã.

Amanhã
 este fogo cresce.
 Amanhã, tremor
 Amanhã, suspiro.
 Insiste
 um amor impossível
 amanhã.
 Insiste,
 sim.
 Um amor impossível pode ser amanhã.

Mas todas as mulheres, de todos os continentes, também esperam o amanhã, pois o tempo também é e deve ser *desdobrável*. O tempo precisa viajar. O barco é o sentimento.

Como escreve Marina Colasanti em “Preciso, para”:

Preciso que um barco atravesse o mar
lá longe
para sair dessa cadeira
para esquecer esse computador
e ter olhos de sal
boca de peixe
e o vento frio batendo nas escamas.
Preciso que uma proa atravesse a carne
cá dentro
para andar sobre as águas
deitar nas ilhas e
olhar de longe esse prédio
essa sala
essa mulher sentada diante do computador
que bebe a branca luz eletrônica
e pensa no mar.

E essa água salgada ou doce irá cobrir, lavar nossos corpos, uni-los aos nossos amores, perdendo as distâncias físicas ou morais. A água que sacia corações femininos sedentos de amor, de felicidade, de cadinhos inexprimíveis do tempo e no tempo. Água que batizará as novas linhagens...

A realidade chega com a poesia de Hilda Hilst, “Realidade”. Toma forma. Virou mulher. Autêntica, vistosa, dura, implacável.

Não haverá um equívoco em tudo isso?
O que será em verdade transparência
Se a matéria que vê, é opacidade?
Nesta manhã sou e não sou minha paisagem
Terra e claridade se confundem
E o que me vê
Não sabe de si mesmo a sua imagem.

E me sabendo quilha castigada de partidas
Não quis meu canto em leveza e brando
Mas para o vosso ouvido o verso breve
Persistirá cantando.
Leve, é o que diz a boca diminuta e douta.

Um aroma te suspende e vens a mim
Numas manhãs á procura de águas.
E ainda revestida de vaidades, te sei.
Eu mesma, sendo argila escolhida
Revesti de sombra a minha verdade.

O peito era maior que o céu aberto.
Parávamos. E sabeis
Que o que contenta mais o peito inquieto
É olhar ao redor como quem vê
E silenciar também como quem ama.

A dor daquelas que são e que se fazem diferentes, presentes, vivas, carnes do dia que se arrasta. O amor dói. O amor é saudade. O amor é realidade: pó de café, três colheres cheias, água quente, sem ferver, cheiro de dia amanhecendo, boca que pede beijos. O último gole, a porta que se abre, a realidade na chave que vira, rápida, apressada... meu amor não está. Então, na dor da realidade, Leila Miccolis, em “A seco” escreve:

"Tem coisas que a gente só diz de porre
se não o outro corre;
mas passada a bebedeira,
a gente acha que fez besteira,
não devia ter falado,
que se expôs adoidado, à toa e foi tolice.

(Mulher é isso: desdobrável.)

"E é aceitando este estranho cabedal
que quando se volta ao "estado normal",
cada vez mais sôs, na defensiva,
corroídos morremos de cirrose... afetiva."

O cotidiano, o tempo e a realidade nos tornam *desdobráveis*. *Mulher é desdobrável*.
Eu sou. As doze mulheres apresentadas em seus poemas são. Todas as mulheres, querendo ou
não, são *desdobráveis*, muitas vezes em mãos duras, ásperas, que jamais tiveram a proprie-
dade e a leveza para dobrar ou desdobrar essas, nós, todas, mulheres!